

# A TEOLOGIA CRISTÃ E OS SEUS PROBLEMAS DE HOJE

Por Jürgen Moltmann

**Este trabalho foi apresentado por ocasião da primeira reunião do Comitê do Fundo de Educação Teológica, em Kampala, Uganda, de 4 a 8 de julho, 1971, durante o seu terceiro mandato, tendo diante de si a preocupação de colaborar com as igrejas na reforma da educação teológica e do preparo para o ministério cristão.**

**O Professor Jürgen Moltmann ensina teologia sistemática em Tübingen, na Alemanha.**

O teólogo é uma criatura estranha: tem por obrigação falar do Deus que está presente para todos os homens, incondicionalmente, em todos os tempos e lugares; ele mesmo, porém, é apenas um homem de capacidades limitadas, e cujos pontos de vista são condicionados pela sua própria tradição e cultura. Na apresentação que vos faço hoje sobre o tema "As Metas de uma Teologia Cristã", desejo falar daquilo que nos pertence a todos, seja na África, na Ásia, nas Américas ou na Europa, das indagações que nos são comuns, e daquilo que fomos incumbidos de fazer conjuntamente. Mas

como sou apenas homem, e não anjo, as minhas perspectivas são muito limitadas. São europeias e brancas, protestantes e burguesas, bem do século vinte (pelo menos assim espero), e são, em última análise, determinadas pelas minhas experiências pessoais e minhas limitações particulares. São, portanto, de valor limitado; passam apenas a sugerir a outros teólogos, de outros países, igrejas e outras culturas, que, partindo dos pontos de vista que lhes são próprios, voltem os olhos na mesma direção, para o Deus que nos reuniu a todos nesta comunidade, e nos conduzirá a uma comunidade melhor e mais perfeita.

A teologia cristã se vê hoje diante de uma crise de natureza dupla. As rápidas transformações sociais e culturais levaram-na a uma crise de sentido em relação ao mundo. Quanto mais a teologia procura tornar-se relevante às crises da sociedade de que faz parte, tanto mais ela mesma se aprofunda na crise da sua própria identidade cristã. Esta crise é conhecida como o "dilema identidade-engajamento". Mas, não é produto do século vinte, nem constitui dilema. Pois é da própria essência da teologia cristã, desde os seus primórdios, que ela continue sempre a reexaminar a sua relevância para o mundo e a sua identidade em Cristo.

O nosso esforço no sentido de uma renovação da teologia e das igrejas teve a sua origem diante de uma intranquilidade generalizada, uma preocupação de que o cristianismo perdesse o contato com o seu meio-ambiente, e se tornara irrelevante, deixando de ser merecedor da nossa fé. Muitos estão abandonando o estudo da teologia e se voltam para o estudo da sociologia, da psicologia, ou da revolução, pois sentem que desse modo poderão contribuir de maneira mais significativa para a solução dos problemas de nossos dias. A velha teologia que aprenderam lhes parece uma "teologia fossilizante". O fundamentalismo petrifica a Bíblia, o conservadorismo torna a liturgia inflexível, e o moralismo cristão se congela num legalismo rígido e impedido. Muitos teólogos, pois, percebendo a falta de contato da teologia, formularam novas teologias, relacionando-as com as áreas práticas da vida moderna: a socialização, a industrialização, e a revolução. Proporcionaram à teologia cristã as características de contexto no qual julgam que a teologia deva fazer-se relevante. Assim, surgiu, na teologia, uma série de novos movimentos, tais como a teologia moderna, a indígena, a existencial, a linguística, a política, a da secularização, a da revolução, a da libertação, e assim por diante. Por ter tornado incerta a relevância da teologia cristã, cada movimento buscava formulação teo-

lógica moderna, relevante, prática e interessante para o mundo contemporâneo.

Mas o que há de cristã na teologia, nessas novas perspectivas? Não perderá a teologia a sua identidade cristã quando procura adaptar-se "aos ventos da época?"

Semelhantes movimentos surgiram, também, nas igrejas.

Uma igreja que não consegue-se transformar, se fossiliza. Torna-se uma seita sem importância, à margem de uma sociedade progressista, em rápida transformação, e as pessoas a abandonam. Permanecem somente os velhos, os cansados e os resignados. Assim, enquanto a igreja se dedica à atividade religiosa, a saber, o despertamento e a alimentação da fé, os cristãos progressistas se empenham com igual ardor pelo engajamento social nas lutas raciais e de classe, e pela ação política em prol de um mundo mais justo e mais livre. "Se alguém deseja ser cristão, então que vá para as favelas, e não para as igrejas, pois é lá que encontrarão Cristo", dizem. Esse êxodo das igrejas tradicionais e institucionalizadas levará a uma separação total? Os progressistas fundarão uma nova igreja ou estarão caminhando rumo a uma "terra de ninguém?" A sua aceitação parte de outros grupos e partidos políticos, não se deve muitas vezes, ao fato de que somente eles conseguem organizar efetivamente a atividade política? Qualquer pessoa que tenha participado de tais movimentos de ação relevante experimentará, mais cedo ou mais tarde, uma crise de identidade. Pois se o engajamento social e político é necessário, como decorrência da nossa fé, então o que constitui a essência cristã desse engajamento? Não o será a crítica social, pois os socialistas e os marxistas também a fazem. Nem o risco pessoal, pois há outros, não cristãos, que também se arriscam. Nem tão pouco a rebelião contra a injustiça, pois outros também se rebelam, e geralmente de maneira mais eficaz do que os cristãos. Se o cristianismo se diluir nos movimentos sociais e políticos, até que esteja completamente identificado com eles, então a igreja tornar-se-á novamente uma religião da sociedade: não uma religião conservadora. é certo, mas progressista, a religião de uma sociedade futura

e talvez melhor. Todavia, pode a Igreja do Crucificado de Nazaré tornar-se uma religião política, sem esquecê-lo, e sem que perca a sua identidade?

Os tempos estão mudando, e a sociedade e os homens são envolvidos pelo processo de rápidas transformações. Uma teologia moderna que somente aspire ser uma "teologia contextual" é semelhante muitas vezes, ao camaleão que se reveste sempre das cores do meio-ambiente. Essa "teologia-camaleão", não é superior em nada a uma teologia-fóssil; pois o camaleão modifica a cor da pele a fim de se adaptar e disfarçar-se por entre a folhagem. A teologia cristã, porém, não se deve adaptar a fim de ocultar-se; antes, é seu dever revelar ao mundo alterado aquilo que lhe é próprio, que a ela pertence especificamente. Ela deve ser, pois, uma teologia "anti-camaleão", e exibir as cores que contrastem com o seu meio-ambiente.

O lugar do fóssil é no museu; do camaleão, no jardim botânico. Aos cristãos, porém, se lhes exige que sejam **homens da sua época** e, como tais, que se revelem como **cristãos**. Somente quando têm coragem de ser diferentes dos demais podem realmente ser para os outros, e sê-lo de modo significativo. E só se diferenciavam, quando se identificam pela fé com Jesus, que foi loucura para os sábios e pedra de tropeço para os piedosos e problema para os poderosos, e que, por isso, foi crucificado. Se Deus o ressuscitou e o fez o seu Cristo, então somente no segui-lo é que se concede aos homens o poder divino da liberdade. A questão não é se a Igreja é moderna, relevante e interessante, mas que O crucificado é Senhor, como o condutor da vida e doador da liberdade, e, conseqüentemente, que os cristãos o sigam e esperem nele.

A teologia encontra a sua **identidade cristã** na cruz de Cristo. Esta cruz separa a fé da superstição, assim como da descrença; separa a teologia cristã das outras religiões, assim como das ideologias modernas do poder ou da revolta. A teologia cristã encontra a sua **relevância** na esperança do reino do Crucificado, desde que sofre com os sofredores da nossa época e faz do clamor dos oprimidos o seu clamor, enchendo-os da esperança da libertação e da redenção. A

isto se pode chamar de indigenização legítima, autêntica. Pois o Crucificado se torna assim o irmão dos oprimidos, dos pobres e dos desprezados, que não possuem direitos legais e dos que sofrem a injustiça. Irmanar-se pois com estes seus "mínimos irmãos", faz parte de fraternidade de Cristo.

A teologia cristã tem de ser feita e desempenhada entre o povo e com a sua participação. Ela só é contemporânea quando se torna companheira daqueles que sofrem no presente, como diz Paulo em Romanos VIII. Não existe pois nenhum dilema de "identidade engajamento", pois a identificação cristã com o Crucificado significa o engajamento no sofrimento dos pobres e na miséria dos duramente oprimidos. Por outro lado este engajamento, quando levado a sério, significa sempre uma identificação com o Cristo crucificado. Não existe pois dilema, e sim, de saída, a tensão real e libertadora da fé cristã.

## II

A teologia cristã se vê hoje **confrontada, por diversos lados, com alternativas falsas**. Não há para ela **alternativa entre a evangelização e a humanização, entre a conversão interior e a melhoria de condições de vida**. Não existe alternativa entre a dimensão vertical da fé, e a dimensão horizontal do amor, entre a "Jesulogia" e a Cristologia. Quem quer que separe qualquer destas, destrói a unidade de Deus e do homem na pessoa e no futuro de Cristo.

Muitos cristãos e teólogos não sustentam mais hoje a verdadeira tensão da fé cristã, e estão se evadindo para um ou outro lado. Enquanto isto, na Federação Midual Cristã de Estudantes, essa tensão levou a uma paralisação crítica, de efeito paralisador sobre muitos estudantes. Alguns grupos estudantis se vêem simplesmente como parte do movimento de protesto político, e abandonaram a sua identidade cristã. Estão, pois, deixando o estudo da Bíblia e a iniciativa missionária nas mãos de grupos politicamente conservadores ou apo-

líticos. Entre os estudantes de teologia ocorrem semelhantes divisões: os piedosos não protestam, e os engajados não querem nada com a piedade cristã. Não mantêm juntos o estudo bíblico e a necessária ação política. Em quase todas as denominações cristãs se desenvolve uma polaridade entre aqueles que insistem nos velhos padrões de conversão, e os que reivindicam novas formas de ação social que chocam e escandalizam os fiéis. É de suma importância para a teologia, que ela supere essas falsas polarizações e alternativas insensatas e produza dentro da tensão a unidade.

A evangelização conduz inevitavelmente ao engajamento nos problemas sociais e políticos. Começamos pela pregação do evangelho, e então somos confrontados pelos problemas conjugais e familiares, problemas ligados à criação dos nossos filhos, à educação, à organização social, ao atendimento médico, e à assistência aos desprovidos de recursos econômicos e sociais. Evangelismo não é apenas proclamação que leva à decisão pessoal; é também ação social; e o verdadeiro evangelismo sempre tem sido assim. Por outro lado, não basta simplesmente melhorar as condições sociais e políticas do homem. As pessoas têm de ser despertadas da sua apatia interior, e adquirir a confiança em si mesmas. Ambas tarefas devem ser desempenhadas simultaneamente, numa abordagem ampla, que compreenda a extensão total da miséria humana! Nem todos têm de cuidar de ambas as coisas, é claro; mas todos devem ao menos reconhecer os demais carismas do corpo de Cristo.

"Transformai-vos", dizem alguns, "e então as vossas condições se modificarão por si mesmas"; e estes se filiam ao movimento evangélico. Infelizmente, porém, as condições não se curvam à sua vontade. O capitalismo, o racismo, e a guerra do Vietnã continuam, como dantes. "Modificai as condições sociais", dizem outros, "e então os homens se transformarão também"; e estes se tornam socialistas. Infelizmente, porém, os homens não se curvam à sua vontade. As crises conjugais, os suicídios e o alcoolismo se propagam, como sempre. A transformação pessoal interior, sem a modificação das condições sociais, é uma ilusão idealista, como se o homem fosse apenas

alma, e não corpo também. Devemos pois, ao mesmo tempo, realizar as obras. A modificação das condições sociais, sem a transformação pessoal do homem interior, é uma ilusão materialista, como se o homem fosse apenas produto do seu ambiente. Na força libertadora da ação prática coincidem a auto-transformação e a modificação das condições de vida.

A verdadeira "linha de frente" da liberdade de Cristo não se situa entre alma e corpo, entre o indivíduo e a sociedade, entre a interioridade e a exterioridade, mas sim no campo de batalha do presente na sua totalidade, que é onde se trava a luta entre os poderes do passado, que Paulo denominou Pecado, Lei e Morte, e as forças do futuro, que denominou Espírito, Justiça e Liberdade. Esse "front" entre o passado e o futuro transpassa todo corpo e toda alma, todas as pessoas e todas as sociedades. As experiências interiores do espírito, na fé, na confiança e na oração constituem, tanto quanto a cura de um doente, o desbaratamento de um gueto, uma obra de justiça social, ou uma revolução libertadora vitoriosa, prenúncios do futuro do Reino de Cristo. Não se trata de uma contraposição entre a dimensão vertical da fé e a dimensão horizontal do amor político, e sim de uma batalha que se trava entre as estruturas deste mundo passageiro e a nova e futura criação. Em Cristo, Deus e o próximo se tornam uma unidade, e o que Deus uniu, não o deve separar o homem, muito menos o teólogo.

### III

A teologia cristã deve ser uma teologia bíblica. Na Bíblia, encontramos a lembrança ao mesmo tempo libertadora e perigosa da esperança. O livro das promessas de Deus se abre para o futuro do Reino de Deus. Portanto, a teologia bíblica não pode ser nem historicista ("historistisch") nem fundamentalista, mas que leve da Bíblia à iniciativa missionária e prática em prol da libertação. É difícil fazer uma revolução sem a Bíblia. (Bloch) E mais difícil ainda, com a Bíblia não se efetuar uma revolução. (Atos 17:6-7).

Entre as igrejas novas, o estudo da Bíblia ocupa lugar prioritário. Isto resulta não somente do biblicismo missionário, mas também das surpresas do "amor a primeira vista". Nas igrejas mais antigas, o estudo da Bíblia e a exegese passaram para segundo plano. Há maior preocupação com a teologia filosófica, com a sociologia da religião, e com a antropologia. Lamentavelmente, isto não se deve ao fato da Bíblia ser bem conhecida; pelo contrário, ela se tornou assás desconhecida. Tem por base, uma tradição cristã que faz com que as pessoas não esperem nada de novo da Bíblia. Sem a teologia bíblica, porém, a teologia não pode ser cristã. Devemos pois fazer tudo que estiver ao nosso alcance, a fim de estimular os teólogos e os demais cristãos para que estudem a Bíblia. Mas isto somente se fará possível se lermos a Bíblia com uma nova percepção.

Ao meu ver, a Bíblia é o livro dos pobres, dos oprimidos, e dos desesperançados. Não é o livro dos sacerdotes e dominadores que governam. Nem tão pouco um livro de leis para os justos, mas sim de promessas para os sem esperança, o livro do evangelho de Deus para os pecadores. Para lermos este livro corretamente, devemos fazê-lo com os olhos dos pobres. Então leremos nele a história de Deus com o seu escravizado e obstinado povo de Israel, a história de Deus com o Jesus de Nazaré crucificado e, nestes relatos do passado, a história promissora do futuro de Deus. Encontramos o futuro no passado, vemos o futuro revelado antecipado pelo passado, e nos achamos arrebatados por esta história da libertação. Quando se transforma a Bíblia em história ("historisiert") retira-se dela o futuro que ela promete. Quando se explica a Bíblia como "fundamento", retira-se dela o caráter de historicidade ("Geschichte") que lhe é próprio. O livro das promessas de Deus está aberto para o futuro, pois todas as promessas pelejam pelo seu cumprimento. Todo texto bíblico narra o passado, a fim de anunciar o futuro. Precisamos não somente de uma "demitologização" da Bíblia; mas também, e até mais, de sua "de-historização" ("Enthistorisierung"), a fim de libertá-la das cadeias do passado, e de descobrir nela o futuro. E, se a lermos com os olhos da nossa própria pobreza e pequenez, havemos também de

"de-teocratizar" a Bíblia, pois então encontraremos nela não a revelação de um Deus que governa e domina lá do alto, mas o Deus que sofre aqui na terra, através do seu povo sofredor e finalmente, no seu Cristo Jesus, e que pelo seu sofrimento liberta os homens da dominação e do orgulho ("hubris"). A teologia bíblica diz, "Está escrito", e assim se refere às promessas. A ontologia diz, "Aconteceu", o que significa uma realidade que pode ser experimentada. Da palavra escrita da promessa, certamente há de vir algum dia, a nova realidade do seu cumprimento. Um dia, veremos, e seremos vencedores: Nesse dia, deixaremos de encontrar, na natureza, na história e na vida política, a luta e contradição, e alcançaremos consonância com elas. Mas, enquanto não chegar aquele dia, enquanto não se enxugarem todas as lágrimas, devemos nos firmar naquilo que está escrito, a saber, a promessa, e dar maior valor à esperança da nossa fé do que às nossas experiências visíveis, e não nos conformar com nenhuma espécie de "status quo".

Não estou falando, é claro, a favor de um biblicismo ingênuo. Se lermos a Bíblia com os olhos dos sofredores, veremos nela as esperanças de Deus. Então, havemos de perceber que a Bíblia é realmente um livro muitíssimo revolucionário, e até mesmo subversivo. Os seus tempos não ficaram para trás — há dois mil anos — mas estão, antes, pela frente, porque ela aponta para o que está adiante do nosso tempo presente, a saber, o futuro de Deus. Esta é a base da sua autoridade. Autoridade de libertação.

#### IV

A teologia cristã é orientada escatologicamente. O seu pensamento se processa dentro da tensão criadora entre o velho e o novo, entre a lei e a liberdade, entre a letra e o espírito. O seu campo geral de operações é o das expectativas e das apreensões acerca do futuro, que ou inutilizam ou mobilizam os homens na história.

Se é correto dizer que a Bíblia é essencialmente um testemunho da história de Deus, então o papel da teologia cristã é fazer com que essas lembranças do fu-

turo atuem sobre as esperanças e as ansiedades do presente, através de uma ação responsável pela esperança existente entre os cristãos (I Pedro 3:15). Para isto, ela deve interpretar de várias formas a história da promessa. Deve, antes de tudo, descobrir exegeticamente qual seria o seu sentido literal para os homens daquela época. Em segundo lugar, deve determinar o que isto significa hoje, para as nossas experiências, nossas ações, nossas esperanças. A este processo de discernimento e interpretação damos o nome de hermenêutica. Esta compreende a exegese histórica ("historische"), que fixa o sentido literário de dado texto ou símbolo, e também a interpretação do seu significado prático para os dias de hoje. O que terá um texto ou símbolo a dizer para a solução dos problemas das nossas vidas? Isto inclui ainda uma exposição do sentido das nossas experiências. Pois as palavras e os símbolos sem a experiência são vazios. Compreende enfim a apresentação do significado escatológico de dado texto, em relação à esperança que impulsiona os homens rumo a iniciativas e experiências novas. A hermenêutica, portanto, une a exegese histórica a experiência presente e a esperança do que está por vir, e estabelece o elo de ligação entre o passado e o futuro, em prol do qual a palavra proferida no passado liberta o presente.

Desde que muitas faculdades e seminários teológicos se voltaram para a especialização da teologia, exegética ou histórica, sistemática ou prática, devemos descobrir a unidade da teologia, e demonstrá-la através de estudos e seminários inter-disciplinares. Do contrário, os estudantes (como que perdidos na mata, sem enxergar a floresta) poderão perder a visão do conjunto.

A teologia cristã raciocina em termos de antíteses criadoras. A sua orientação, voltada para o futuro de Deus, a torna dilética. A própria Bíblia já não é um livro de revelação uniforme: antes contém a antítese entre o "Velho e o Novo Testamento". A fé cristã, portanto, provém da tensão, e persiste no seio do conflito contínuo entre o "velho" e o "novo". Como pode a fé cristã, que tem sua origem em tal conflito, não chegar a uma consciência da história ("Geschichte") que supera o "velho" e busca re-

petidamente o "novo?" Em quase toda página do Novo Testamento encontramos a palavra-chave, "novo": nova aliança, línguas novas, novo mandamento, nome novo, vinho novo, nova criatura, novo céu e nova terra, e, finalmente, o Deus que diz: "Eis que faço novas todas as coisas".

Essa tensão na história, experimentada entre o velho que passa e o novo que se aproxima, deixou também a sua impressão sobre as línguas originais da Bíblia, e aquelas para as quais ela foi traduzida. A língua hebraica não possui uma forma verdadeira do presente; os elementos essenciais, na sua concepção do tempo, são o passado e o futuro. A fé dos Israelitas é uma fé na promessa, e o mesmo se pode dizer da fé cristã. Vive-se para o futuro, que já teve o seu início, aqui e agora. Há muitos idiomas que não possuem forma gramatical para indicar o tempo futuro. Quando Varro escreveu a primeira gramática latina, esqueceu-se do futuro. Também certos idiomas africanos e indianos não possuem forma autêntica do futuro. "Ontem" pode ser trocado por "amanhã", e vice-versa. O mesmo vocábulo pode exprimir tempo e espaço. As formas gramaticais que expressem uma consideração do futuro não existem.

Isto em termos linguísticos, deixa o tempo sem expectativas, sem planos, e sem metas. O "futuro" parece algo indefinidamente distante. Assim é fácil explicar a doutrina de um milênio que não tem efeito absolutamente nenhum sobre o presente; mas não a escatologia paulina, segundo a qual o futuro de Cristo lança mão do presente, e já o determina. Somente nas chamadas "igrejas messiânicas" é que o futuro já raiou, na presença do Messias. Elas experimentam, portanto, um presente pleno de alegria indizível, e o despreendimento de uma energia fora do comum. (J. Mbiti, *New Testament Eschatology in an African Background*, Oxford University Press, pg. 24 et seq.).

Onde quer que a antítese entre o velho e o novo não for bem compreendida, devido à falta de uma consciência adequada da história, tão pouco se compreenderá a antítese entre a lei e a liberdade. A lei continua em vigor, o Velho Testamento domina o Novo, e é interpretado de acordo com princípios Sionistas e legalistas. O cristianismo se torna então moralista,

legalista e rigorista. Espera-se que a Lei de Israel e a do país onde se vive proporcionem aos homens a força interior que somente a fé em Cristo, a qual se liberta da Lei e das suas obras, lhes pode dar. Então o passado se faz senhor do presente, em vez do presente ser regido pelo futuro. E o cristão passa a ser aquele a quem não se permite fazer uma porção de coisas. Mas o que de positivo o cristão deve fazer, ninguém o sabe.

Se a teologia cristã falar de Deus, da liberdade, e do futuro, ela terá de valer-se do conceito contido nessas antíteses, e descobrir formas linguísticas que expressem o futuro. Nem as línguas da antiguidade, e nem mesmo as germânicas, haviam elaborado uma forma adequada para o tempo futuro. Somente a "alfabetização" dos povos, pela Bíblia, deu origem à linguagem da história, da liberdade, e do futuro.

## V

**A teologia cristã adquirirá, no futuro, um caráter cada vez mais prático e político. Deixará de ser simplesmente uma teologia para sacerdotes e pastores, e será também uma teologia para os leigos, no desempenho das vocações no mundo. Será voltada não somente para o "serviço divino" da igreja, mas também para o serviço divino da vida quotidiana no mundo. A sua efetuação prática compreenderá não somente a pregação e o culto, os deveres pastorais e a comunhão de cristã, mas também a socialização, a democratização, a educação para a auto-confiança, e a vida política.**

Até aqui as igrejas, na sua maioria têm realizado a educação teológica nos seus seminários. A teologia era estudada em escolas profissionais para pregadores, onde os teólogos se achavam separados dos demais membros das suas comunidades, assim como os gregos (cultos) dos bárbaros (incultos). A medida que os membros das nossas comunidades forem atingindo amadurecimento mais completo, teremos necessidade cada vez maior de uma teologia para o leigo que

tiver "atingido a maioria", bem como para os teólogos capacitados para responder às suas indagações críticas. Em muitos países ocidentais, hoje, o preparo de teólogos nos seminários está chegando ao fim. Onde não estiverem integrados nas universidades, os seminários estão se esvaziando. Nas universidades, surpreendentemente, os cursos de religião são muito procurados, aliás por estudantes interessados na teologia e na religião, mas que não pretendem tornar-se clérigos. Creio que isto representa uma tendência salutar. Em primeiro lugar, elimina a distinção entre o clero e o laicado. Além disto, a Igreja será levada, afinal, a se dar conta de que os seus teólogos não têm de ser primeiramente enviados ao mundo, mas que os seus leigos já estão aí.

A teologia pastoral permanece como parte da educação teológica, mas ela deve ser incorporada no horizonte mais amplo da formação teológica do Cristianismo no seu todo, que atua em diferentes esferas práticas da sociedade. Essa teologia para o cristianismo inteiro, na sua "maioridade", se encontra ainda nas suas fases iniciais. Os leigos não devem ser treinados para se tornarem "minipastores" que possam auxiliar o pastor nos seus encargos. Devem antes ser preparados afim de se tornarem aptos a pensar independentemente e a agir cristãmente nas suas próprias vocações no mundo. Parece-me interessante a escolha da expressão "teologia política" para designar esta teologia mais ampla do cristianismo no mundo, pois a **respublica** é preocupação de todos. O homem é um **zoon politikon** (um "animal solítico"). O Reino de Deus deve ser preconizado na política, e não em uma esfera à parte denominada "religião". O que estou dizendo é que, através desta nova modalidade de uma teologia política, poderemos superar a divisão interna entre "o clero e o laicado", e a divisão externa entre "a igreja e o mundo". Na esfera prática, isto significa: em primeiro lugar, a incorporação dos seminários eclesiais nas universidades estatais, onde isto for possível; e, onde não o for, a construção das nossas próprias universidades cristãs; e, finalmente, a formação de teólogos em centros cristãos para a educação do laicado.

## VI

A teologia cristã é fundamentalmente uma teologia de diálogo. Ela tem a sua verdade e a revela, antes de tudo, no diálogo com outros homens, e com outras religiões e ideologias. É nas fronteiras destas que ela tem o seu centro. O seu objeto é universal, e existe para todos os homens. Entretanto ela mesma é de caráter particular, e por isso deve descobrir e divulgar a verdade universal no diálogo com os outros.

A Igreja, embora deva estar aberta para todos os homens, não é universal; apenas Deus o é. Os cristãos ainda não são homens verdadeiros mas, para eles e para os demais, Cristo é o novo homem. Desta tensão entre a natureza universal da verdade e o caráter particular da sua representação pelos homens surge a necessidade de que a teologia cristã seja tolerante e se disponha ao diálogo. É precisamente a sua confiança na Verdade absoluta que leva a teologia a perceber a sua própria verdade relativa, e a procurar o debate com os outros. Somente os que receiam perder a sua fé, ou os que desejam destruir as verdades do budismo ou do marxismo, se recusam ao diálogo com budistas e marxistas. Eu mesmo tenho participado do diálogo entre cristãos e marxistas na Europa, e posso afirmar que não resultou no empobrecimento, mas sim contribuiu para o enriquecimento, de ambas as partes. Não nos reprovamos uns aos outros pelos nossos erros, mas nos aceitamos mutuamente; com seriedade pelos nossos aspectos positivos. Nesse diálogo tanto cristãos como marxistas se revelaram, de forma até então desconhecida, e abandonaram os seus preconceitos. "Se não conversarmos uns com os outros, então um dia atiraremos uns nos outros."

O diálogo entre as religiões e as ideologias do mundo moderno se faz necessário para a sobrevivência da humanidade. A teologia deve buscar em toda parte o diálogo, e as igrejas devem criar as condições para que ele se realize. São justamente as sociedades religiosas, ideológica, racial e culturalmente mixtas que oferecem tal possibilidade, que as sociedades homogêneas e fechadas, ou "apartheid", não possuem. Uma teologia que se (encasula) na sua própria tradição e no seu próprio círculo petrifica e perece. A teologia cristã necessita do diálogo para o seu próprio bem, e em benefício da causa que ela representa. E os seus pares necessitam de diálogo com a teologia cristã. Devemos criar centros para o diálogo; preparar e divulgar literatura para o diálogo, e incentivar os estudantes para que estudem as ideologias modernas e outras religiões. A fé cristã não se tornará, por isto, relativizada, e sim travará relações. Uma teologia sem relacionamentos está morta.

## CONCLUSÃO

A teologia deve falar do Deus que liberta os homens, e reivindica a todos, de tal maneira que não pereçam, mas vivam. Todavia o teólogo é simplesmente um homem no meio dos homens. Portanto ele há de associar à sua certeza de Deus a humildade da sua condição humana e, assim, estimar a verdade que está acima dele e da sua mais perfeita teologia. Terá de esquecer o orgulho exibido por muitos antigos teólogos. Mas terá de superar, também, o auto-desprezo frequentemente manifestado por teólogos modernos. A teologia é uma ciência que traz suas recompensas, ao mesmo tempo que conduz à humanidade. Somente podem falar por ela aqueles que forem honestos quanto à sua fraqueza humana. Também esta virtude faz parte da formação do teólogo.